

---

## O Riso como Resistência: Memes contra Bolsonaro no Contexto da Pandemia<sup>1</sup>

Herivelton REGIANI<sup>2</sup>  
Márcia Zanin FELICIANI<sup>3</sup>  
Viviane BORELLI<sup>4</sup>  
Aline Roes DALMOLIN<sup>5</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### RESUMO

O trabalho analisa memes imagéticos de crítica ao presidente Bolsonaro durante a pandemia da Covid-19, compreendendo-os como atividade de resistência. Parte-se de memes que circularam no WhatsApp em 2020, mas também verificam-se associações com outros espaços e temporalidades. Utilizam-se como base teórica considerações acerca dos memes de internet; humor e comicidade; poder e resistência; e, como pano de fundo, midiaticização e circulação, processos comunicacionais contemporâneos que contribuem para o alcance e popularidade dos memes. Nos conteúdos analisados, destacam-se quatro fatores de contestação e resistência à política do presidente em relação à pandemia: descaso com os cuidados; incentivo do retorno à normalidade; testagem da doença; e defesa da cloroquina.

**PALAVRAS-CHAVE:** humor; memes imagéticos; Bolsonaro; pandemia; resistência.

### 1. Introdução

A partir da constatação, em 11 de março de 2020, da pandemia de Covid-19<sup>6</sup> causada por um novo coronavírus (SARS-CoV-2), estabeleceu-se um forte fluxo de circulação de informação e desinformação por meio das chamadas plataformas digitais (VAN DIJCK; POELL; DE WAAL, 2018), que já eram ambiente de disputas discursivas desde as eleições do norte-americano Donald Trump, em 2016, e do brasileiro Jair Bolsonaro, em 2018.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginário, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, e-mail: [heriveltonreg@gmail.com](mailto:heriveltonreg@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, e-mail: [marcia.feliciani@acad.ufsm.br](mailto:marcia.feliciani@acad.ufsm.br).

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, e-mail: [viviane.borelli@ufsm.br](mailto:viviane.borelli@ufsm.br).

<sup>5</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, e-mail: [aline.dalmolin@ufsm.br](mailto:aline.dalmolin@ufsm.br).

<sup>6</sup> COVID significa Corona Virus Disease (Doença do Coronavírus), enquanto 19 se refere a 2019, quando os primeiros casos foram divulgados. Disponível em:

<https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-coronavirus-recebeu-o-nome-de-covid-19>.

Acesso em: 05 ago. 2021.

---

Neste contexto, o grupo de pesquisa Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais (Cimid) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) vem desenvolvendo uma ampla pesquisa acerca da “Circulação de discursos sobre a pandemia do coronavírus em grupos de WhatsApp” (DALMOLIN; KROTH; BORELLI, 2021). Os investigadores do grupo realizam, desde março de 2020, monitoramento de discursos sobre a Covid-19 em grupos familiares de WhatsApp<sup>7</sup>, bem como de materiais que chegam por mensagens diretas.

A amostra do grupo conta com cerca de mil unidades discursivas, inicialmente diferenciadas em relação à forma e ao conteúdo.

Quanto à forma, as unidades [...] podem ser categorizadas em relação a seus a) formatos (se tratam de vídeos, textos, áudios, imagens, etc.); b) fontes (institucionais, não institucionais ou sem fonte conhecida) e c) dinâmicas de circulação (fazem relação às práticas dos interagentes em plataforma como a escrita de mensagens ou o encaminhamento com ou sem comentários agregados). [...] Já em relação ao conteúdo, a análise [...] caracterizou as mensagens trocadas em seis grandes grupos: a) noticioso, b) testemunhos, c) modelos de conduta, d) reflexivo, e) humor, f) crítico. (DALMOLIN; KROTH; BORELLI, 2021, p. 10).

Diante deste contexto, foi sugerido aos componentes do grupo que selecionassem um recorte do *corpus* para análise aprofundada. Assim, neste artigo, nos propomos a olhar para os conteúdos de tipo humorístico e crítico - mais especificamente, os memes imagéticos relativos à atuação de Bolsonaro frente à Covid-19. A imersão nos materiais possibilitou o levantamento de nove unidades discursivas produzidas especificamente sobre a imagem do presidente; nelas, evidenciam-se relações entre os desdobramentos sanitários e políticos da pandemia, como forma de contestação por parte dos usuários.

Para compreensão do contexto sócio-comunicacional que se constitui como pano de fundo para o surgimento e disseminação dos memes, adotamos o conceito de midiaticização. Trata-se de uma mudança social e cultural que afeta todas as esferas da sociedade, à medida em que elas passam a adotar como referência as processualidades midiáticas (BRAGA, 2006).

---

<sup>7</sup> Assim como o trabalho de Chagas (2021, p. 181), a observação se dá através de “pesquisa encoberta, em que o pesquisador não se apresenta como tal aos sujeitos observados.” Este método, somado à técnica da bola de neve (BECKER, 1993), permite que se colete uma grande quantidade de informações sem colocar em risco a identidade dos participantes e, inclusive, a própria pesquisa - visto que, na presença de observantes, há tendência de retração dos observados.

---

Em uma sociedade em processo de midiaticização, ocorrem transformações nos modos de ser, viver, dizer e fazer fortemente marcadas pelas lógicas midiáticas, afetando campos distintos como a política, a religião, a economia e o lazer. Algo que pode ser visto de forma contundente na política, e que se fortaleceu durante a pandemia, é o fato de que as mídias digitais se estabeleceram ainda mais como um meio de contato entre atores sociais que exercem cargos eletivos e seus apoiadores.

Partindo deste conceito norteador, na primeira parte do artigo, discorremos sobre os memes e, mais especificamente, o formato aqui considerado, estritamente imagético com complemento em texto. Também trazemos considerações acerca do modo como o humor cômico atua nestes conteúdos. Em seguida, apresentamos o conceito de resistência a partir de sua contraposição com o poder, buscando compreender como os memes se configuram nessa relação.

Na segunda parte, trazemos a análise das nove unidades, que enunciam disputas sobre as seguintes questões: descaso com os cuidados recomendados pela OMS, como uso de máscara e distanciamento social; incentivo do retorno à “normalidade” em favor da economia; testagem de infecção pelo próprio presidente; e defesa do uso de cloroquina para tratamento precoce da Covid-19. Nas considerações, por fim, indicamos alguns caminhos para aqueles dedicam-se a visadas próximas a esta pesquisa e ao estudo de temas relacionados ao humor.

## **2. Memes, Humor e seu Potencial de Resistência**

O termo meme, hoje já bastante popularizado, surge pela primeira vez em 1976, com Richard Dawkins em seu livro *O Gene Egoísta* (DAWKINS, 2001), em cujo último capítulo o autor aponta para uma variação cultural do conceito de gene. Segundo ele, de modo semelhante aos genes, os memes se multiplicam por um processo de cópia e imitação. O termo não se aplicava originalmente à internet, mas a toda sorte de falas, bordões, comportamentos, ideias e outros elementos que são repetidos e “grudam” na mente de seus receptores para continuarem a se espalhar, quase como se tivessem vida própria. A palavra é uma simplificação de *mimeme*, que une a ideia de memória à de gene.

Existem diferentes tipos de memes, podendo ser categorizados segundo seu formato ou pelo modo como se multiplicam. Há expressões que se tornam meméticas,

---

como gírias ou ditos populares, assim como são criadas imagens, vídeos e outras materialidades de grande reprodutibilidade, alcance e longevidade, especialmente impulsionadas nas ambiências digitais.

Para as finalidades deste trabalho, levamos em conta um tipo específico, os memes imagéticos (REGIANI; BORELLI, 2015), os quais se caracterizam por imbricar textos verbais e imagens retirados de outros contextos, criando uma nova unidade. Esses memes imagéticos são construídos em uma atividade marcada pela interdiscursividade (VERÓN, 2004), a qual também é característica do humor cômico, e, talvez por isso, lhe sejam tão adequados.

Os memes são replicados e reconfigurados por um processo de ressignificação, que envolve o aporte de imagens e expressões previamente utilizados em outros contextos. Mantêm algumas das características originais, porém vão construindo, por meio da atividade de recorte, combinação e reenquadramento, efeitos de sentido variados (VERÓN, 2004) através da surpresa, incongruência, ironia, paródia e sátira, entre outras operações.

Os atores sociais que se envolvem como usuários ou coprodutores de memes enunciam certa imagem de si mesmos e de seus destinatários através de sua atividade, assim como materializam os objetivos que visam alcançar. Assim, combinam (e geram) linguagens, disputas narrativas e demarcações. Na situação comunicacional que recortamos para análise, por exemplo, estes objetivos estão ligados à resistência diante de outros atores e instâncias de poder.

Shifman (2014) identifica três operações prevalentes no humor construído por meio dos memes: ludicidade ou jogabilidade (no inglês, *playfulness*), incongruência e superioridade. Isso implica que, ao mesmo tempo em que a produção de memes se torna atividade divertida e acessível, ela possibilita operações que conduzem à sensação de ruptura e surpresa, assim como concede o prazer de se colocar em condição de superioridade moral diante do outro. Afinal, ao satirizar o que considero risível no outro, enalteço a mim mesmo, o grupo social ao qual me filio, nossas crenças e modo de vida.

Bergson (2004) já falava dessa dimensão normativa do riso em meados de 1900, compreendendo-a como sinalização e demarcação de atitudes desejáveis ou indesejáveis para a vida social. Para o autor, o riso é sempre uma atividade coletiva, ainda que

---

estejamos sós. Quem ri sempre o faz com um conjunto de ridentes, reais ou imaginários, em uma relação de quase cumplicidade. Assim, através do riso, é exercida uma atividade de vigilância sobre os indivíduos.

Nessa atividade, o humor cômico, conforme destaca Minois (2003) carrega sempre um aspecto de derrisão, ou seja, desconstrução de si mesmo e do outro através do riso. Também tem uma dupla possibilidade de atuação, servindo tanto para afirmar como para subverter uma ordem estabelecida. Pode tanto atrelar-se a interesses individuais como coletivos, algumas vezes como grito de liberdade, outras como reafirmação de normas e imposições, ridicularizando aquilo que delas se desvia. Enfim, o humor cômico serve igualmente como elemento subversivo e conservador.

Por essas considerações, compreendemos que produções que envolvem o humor, como é o caso dos memes, precisam ser analisadas enquanto articulações de tensões e embates. Afinal, por mais desprezioso que aparente ser, um discurso humorístico sempre alude a um “nós” que se tenta legitimar em detrimento de um “eles”, dado seu caráter grupal e normativo. Nesse sentido, julgamos importante associar os achados de Shifman (2014), Bergson (2004) e Minois (2003) ao que afirma Foucault (1988) acerca do poder.

Para o autor, ele não deve ser pensado de maneira hierárquica, dos “dominadores” para os “dominados”, e sim de maneira ramificada, nas infinitas relações que os indivíduos mantêm na sociedade. Ainda que se possa pensar em um “Grande Poder” (FOUCAULT, 1988, p. 93) e perceber suas intencionalidades, é nas mínimas correlações de força do social que ele se constitui. Essas relações, assim, não “tomam” o poder para si de uma posição externa (até porque, segundo o autor, ele não é algo se se “possui”); mas sim têm “um papel diretamente produtor” (FOUCAULT, 1988, p. 90) dentro do próprio poder.

O mesmo diz o autor acerca da resistência: ela não é externa, e sim disseminada no interior do poder. Ela é, principalmente, uma parte constituinte dele - afinal, sem um “outro termo nas relações” (FOUCAULT, 1988, p. 91), o próprio poder perde a razão de ser. Foucault (1988, p. 91, grifo do autor) afirma que a resistência também não se restringe a “*um* lugar da grande Recusa”, mas é formada por pontos distintos e dispersos no interior da rede de poder.

---

Segundo Pelbart (2009), essas “resistências” tomam forma na figura da multidão. Aqui, diferentemente do conceito tradicionalmente adotado na Comunicação, que a situa como massa homogênea e inerte, ela é tida como um “corpo biopolítico coletivo, em seu misto de inteligência, conhecimento, afeto, desejo” (PELBART, 2009, n. p.). Estas subjetividades e singularidades são, por sua vez, convertidas em atividade produtiva - mas não para atender aos objetivos do poder, e sim aos seus próprios anseios.

De acordo com Pelbart (2009, n. p.), o trabalho da multidão é imaterial, “baseado na informação, na ciência, na comunicação, nos serviços”. Ele configura-se não só na capacidade coletiva de criação, mas também (e talvez principalmente) de disseminação - que, considerando os memes e a midiatização, podemos relacionar à circulação (BRAGA, 2012).

Para Pelbart, é neste duplo movimento que residem as “possibilidades de reversão” do poder. É o que verificamos nos memes aqui analisados, visto que eles: surgem a partir do trabalho criativo e disseminador da multidão; não têm uma “origem” específica (ou, mesmo que tenham, ela se perde na circulação, visto que o que permanece é o produto em sua forma); e destinam-se à contestação de um “outro” detentor do poder (neste caso, Bolsonaro frente à pandemia).

Indo mais além, o conjunto de memes configura-se como resistência por adentrar os espaços midiáticos de poder - visto que as plataformas de rede social, por mais “democráticas” que se vendam, são permeadas e regidas por uma série de interesses mercadológicos e políticos (VAN DIJCK; POELL; DE WAAL, 2018). Por fim, a resistência se dá no momento em que os memes (e, por trás deles, os usuários) tomam para si a responsabilidade pelas vidas dos brasileiros, na forma de cuidados e do apontamento das falhas do Executivo Federal no controle da pandemia.

### **3. O que os Memes Dizem de Bolsonaro: Análise das Unidades Selecionadas**

Nos nove memes imagéticos de crítica a Bolsonaro extraído do *corpus* da pesquisa ampla, identificamos quatro categorias de embate e resistência que lançam mão do humor cômico como estratégia. São elas: descaso de Bolsonaro com os cuidados recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para controle da

---

Covid-19; incentivo do retorno à “normalidade”, mediante prejuízos supostamente irreversíveis para a economia; testagem (negativa) do presidente para a doença; e defesa do uso da cloroquina como tratamento precoce contra o vírus.

Primeiramente, ressaltamos a enunciação de um descaso do presidente com os cuidados sanitários na pandemia. Desde o início do ciclo pandêmico, a OMS foi clara em algumas de suas recomendações: manter o distanciamento social, usar máscara, higienizar frequentemente as mãos, não tocar o rosto com as mãos contaminadas pelo meio externo, cobrir boca e nariz com o cotovelo ao tossir, dentre outros cuidados.

O presidente Jair Bolsonaro, porém, não só se mostrou indiferente quanto ao vírus e as recomendações, caracterizando a doença como uma “gripezinha” que não merecia tanta atenção, como também posicionou-se publicamente contra a OMS mais de uma vez<sup>8</sup>. Assim, transformou o assunto em pauta político-ideológica e exigiu para si o direito de gerir o enfrentamento da doença no país.

É este o contexto acionado na Figura 1, que traz dicas para a proteção contra a doença. Além das três últimas aqui citadas, oficialmente recomendadas pela OMS, a imagem traz uma quarta: a de ignorar o que é dito pelo presidente, representada por uma televisão que estampa o rosto de Bolsonaro sendo colocada em modo “mudo”<sup>9</sup>. Ou seja: a Figura mescla conteúdo sério com uma crítica irônica ao presidente, reconhecendo seu discurso sobre a pandemia como nocivo à saúde dos brasileiros. A operação de humor se dá pelo elemento surpresa inserido ao final da sequência, ao mesmo tempo em que produz um efeito de sentido de ruptura, colocando a imagem do presidente em contraposição às demais que enunciam cuidado e sensatez.

Alusão semelhante é feita na Figura 2, obra do artista Rubens Castelani que circulou bastante na web. Trata-se de uma paródia do quadro *Operários*, da consagrada artista brasileira Tarsila do Amaral, adaptando-o para o contexto pandêmico - em que todos os trabalhadores passaram a utilizar máscara. Bolsonaro está entre eles, e o desafio proposto pela imagem é encontrá-lo por meio da forma característica como usa

---

<sup>8</sup> Bolsonaro chegou até a falar sobre uma possível saída do Brasil da Organização, ao estilo do que fizeram os Estados Unidos sob o comando de Trump. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-06/bolsonaro-diz-que-brasil-pode-sair-da-oms>. Acesso em: 12 ago. 2021.

<sup>9</sup> O acionamento do botão “Mute” também evoca interdiscursivamente outras imagens do tipo, em que o “mutado” é alguém de quem é preciso cassar a palavra por ser risível em sua forma de se expressar, tanto pelo conteúdo como pela insistência.

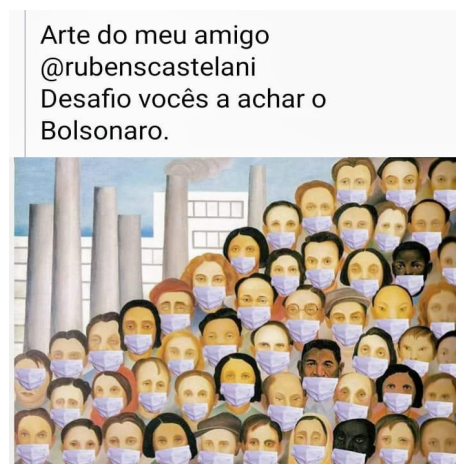
a proteção no rosto<sup>10</sup>. O episódio em que o presidente foi captado com a máscara nos olhos rendeu inúmeros comentários de chacota na mídia tradicional e digital, com destaque para o WhatsApp, onde tornou-se um *sticker* (figurinha) bastante utilizado.

Figura 1 - Ignorância do presidente como forma de prevenção à Covid-19.



Compartilhado em: 24/03/2020.

Figura 2 - Bolsonaro entre os *Operários* com a máscara nos olhos.



Compartilhado em: 24/03/2020.

Na Figura 3, o cuidado defendido pelos usuários é o isolamento social. Isso se dá com a apropriação de uma imagem da princesa Fiona, da franquia cinematográfica *Shrek*, que vive trancada em uma torre à espera de seu “príncipe” para resgatá-la. No filme, quem salva a princesa é o ogro Shrek, inicialmente um monstro horroroso, temido e indiferente a qualquer ser que não ele mesmo (visto que o resgate em si é feito com base em benefício próprio). O ogro é acompanhado por Burro, um burro falante que o segue fielmente (mesmo contra sua vontade), conversa pelos cotovelos e, na hora de agir, é bastante medroso.

No texto verbal que dá ancoragem ao meme, a princesa é associada aos brasileiros em isolamento social durante a pandemia, esperando que ela termine para que possam sair. Isso, porém, depende diretamente das ações do ogro e do burro, que poderiam ser associados a Bolsonaro e seu vice-presidente Mourão, respectivamente. A

<sup>10</sup> Novamente, a derrisão se dá por dois efeitos de sentido: primeiramente, Bolsonaro é enunciado no quadro como intruso, já que não pertence à classe trabalhadora, representando o avesso dos seus interesses; também é ridicularizado como sujeito desastrosamente nocivo, que nos lembra elementos do que Bergson (2004) caracteriza como atitude distraída e mecânica, característica frequente nos personagens propícios a se tornar alvo da comicidade, como descuido e falta de compreensão elementar em relação às normas necessárias para a manutenção do contexto social do qual faz parte.



relação coloca o primeiro como indiferente às tantas vidas perdidas na pandemia, preocupado apenas com seus interesses (predominantemente econômicos), e o segundo como alguém sem atitude e mesmo inteligência para se contrapor à situação, apesar de falar muito<sup>11</sup>.

Figura 3 - Brasileiros como a princesa Fiona, dependentes de um monstro e um burro<sup>12</sup>.



Compartilhado em: 10/03/2021.

Outra categoria à qual chegamos é o incentivo para a volta à normalidade. Esta tipologia surgiu em decorrência dos clamores constantes do presidente para o retorno às atividades regulares, especialmente as de comércio. Isso porque, para Bolsonaro, as preocupações econômicas estavam acima das sanitárias, com a argumentação de que a crise econômica tiraria mais vidas do que a doença.

As justificativas de cunho econômico, assim, passaram a ser apresentadas como preocupação com a vida, com declarações ao estilo “pessoas com fome também morrem”. Entretanto, ao mesmo tempo em que enunciam a necessidade de retorno ao trabalho para a subsistência das famílias, falas deste tipo foram criticadas por atribuírem

<sup>11</sup> Neste caso, pode-se notar que, como é próprio dos memes, abrem-se distintas possibilidades de interpretação, o que possibilita sua edição e ressignificação em outros contextos e para outros efeitos de sentido. Essa é uma das razões pelas quais os memes são tão difundidos em diferentes situações comunicacionais.

<sup>12</sup> Apesar da crítica, é interessante lembrar que, ao final do filme, o ogro acaba se revelando bonzinho e forma um casal com a princesa, também ogra. Pensando desta forma, a mesma imagem poderia igualmente ser apropriada por apoiadores de Bolsonaro, posicionando o presidente como o “salvador” dos brasileiros ou mesmo um “grosseirão incompreendido”, como sabemos que acontece. Um movimento semelhante aparece no trabalho de Chagas (2021), em que Bolsonaro é associado a Gru, o “vilão bonzinho” de *Meu Malvado Favorito*.

aos trabalhadores e, especialmente aos empresários a gerência da pandemia, eximindo o governo desta responsabilidade.

Por este motivo, Bolsonaro teve sua imagem associada à da morte em inúmeros memes, ainda que de diferentes formas. Na Figura 4<sup>13</sup>, por exemplo, o presidente é retratado com a capa preta e foice características das representações imagéticas da morte. Passeando na rua, “Bolsomorte” segura uma placa em que convida as pessoas a acompanhá-lo.

Figura 4 - Bolsonaro como a morte chamando os brasileiros para a rua.



Compartilhado em: 25/03/2020.

Nas Figuras 5 e 6, o governo Bolsonaro como um todo é associado ao famoso “Meme do Caixão”, que ficou bastante popular ao redor do mundo durante a pandemia. Segundo o Museu de Memes (2020, *online*)<sup>14</sup>, o original vem do país africano de Gana, onde “dançar com o caixão é uma tradição antiga e comum. Os ganeses contratam dançarinos especiais para o funeral, a fim de enviar os mortos para o outro mundo de maneira alegre.”<sup>15</sup>. Nas apropriações das Figuras e do Brasil como um todo, porém, o meme foi utilizado para “refletir os acontecimentos acerca da Covid-19, como os

<sup>13</sup> Vale destacar que tanto o texto da placa como o rosto do presidente são adicionados à imagem de forma bastante rudimentar. Essas questões, porém, não diminuem a efetividade da mensagem do meme, mas até mesmo a reforçam, à medida que se colocam como elementos que contribuem para o jogo de humor. Uma característica muito presente nos memes é a simplicidade das montagens e desenhos, presentes na origem do fenômeno, com os chamados *rage comics*.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/meme-do-caixao>. Acesso em: 01 ago. 2021.

<sup>15</sup> Seu uso recente mais comum se dá em vídeos do tipo “*epic fail*”, em que o filmado pratica algum ato físico que põe sua vida em risco. Os ganeses são adicionados ao final do vídeo, sugerindo a possível morte do protagonista.

prováveis efeitos trágicos da suposta demissão do Ministro da Saúde pelo Presidente da República.” (MUSEU DE MEMES, 2020, *online*).

A Figura de número 5 utiliza o meme para dirigir-se ao governo como um todo, levantando outras questões para além do coronavírus, como a alta do dólar e a demissão dos ministros Luiz Henrique Mandetta, da Saúde, e Sergio Moro, da Justiça e Segurança Pública. Cada um destes pontos é associado a um ganense que carrega o caixão - no qual, segundo os criadores do meme, jazeria morto o governo Bolsonaro. Esta imagem leva o selo da página *Corrupção Brasileira Memes*<sup>16</sup>.

Já a Figura 6 não possui texto, a não ser o do noticiário na CNN Brasil, visto que se trata de uma transmissão via televisão após a saída do Ministro Sergio Moro. Apesar de aparentemente não se encaixar na concepção de meme imagético aqui adotada, dada a falta de complemento verbal na edição, a Figura tem caráter memético pela inserção dos ganenses ao fundo da imagem como parte da equipe. Desta forma, a saída de Moro fica ligada à “entrada” dos carregadores de caixão no governo e, conseqüentemente, à morte dos brasileiros. Considerando que este é um dos pontos tidos como causadores do fim da gestão na Figura 5, assim como em outros memes que circularam na web, a inserção dos carregadores na imagem também pode estar sugerindo a morte do governo Bolsonaro.

Figura 5 - Morte do governo Bolsonaro.



Compartilhado em: 24/04/2020.

Figura 6 - Morte junto do governo Bolsonaro.



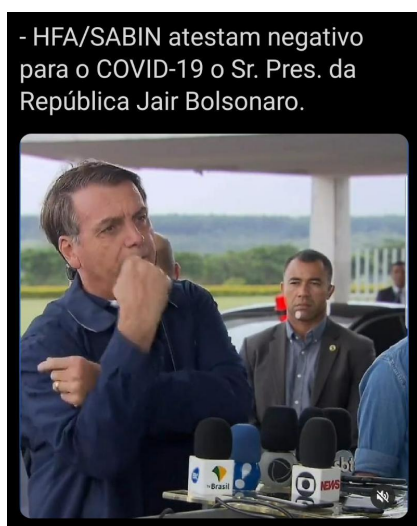
Compartilhado em: 24/04/2020.

Já nas Figuras 7 e 8, temos casos um pouco diferentes, que se referem a outra temática: a controversa testagem da doença pelo presidente após visita aos Estados

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/memesbocamole/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

Unidos e contaminação por boa parte de sua equipe, que ocupou os noticiários durante praticamente todo o mês de março de 2020.

Figura 7 - Bolsonaro testa negativo para Covid-19.



Compartilhado em: 13/03/2020.

Figura 8 - Bolsonaro testa negativo para presidente.



Compartilhado em: 18/03/2020.

A diferença entre as imagens se dá porque a primeira delas não é um meme, e sim uma postagem verdadeira do presidente Jair Bolsonaro em seu perfil no Twitter. Nela, o mandatário comunica a seus seguidores que foi testado para Covid-19 e o resultado deu negativo. No entanto, a partir da postagem, acionam-se diferentes fluxos de circulação, que vão gerar postagens de tom humorístico convertidas em memes.

É o que ocorre na Figura 8, de caráter efetivamente memético, oriunda do *Sensacionalista*. O blog é conhecido por simular a aparência de um veículo noticioso, com a diferença de que suas “matérias” visivelmente têm cunho irônico e crítico. No caso da imagem, *screenshot* da manchete, há a referência indireta à postagem de Bolsonaro; aqui, porém, o resultado supostamente negativo foi para a capacidade de ser presidente.

Uma última categoria identificada é a defesa do uso da cloroquina, que foi uma pauta muito presente nos pronunciamentos de Bolsonaro durante 2020 e mesmo em 2021. A Figura 9 faz menção, ao mesmo tempo, à defesa da cloroquina por Bolsonaro e sua refutação pela OMS. Mas, segundo o meme, Bolsonaro não estaria chorando pela ineficácia do remédio contra a Covid-19, e sim pela sua incapacidade para curar

corações partidos. A associação parece deixar implícita que, por isso, o presidente deveria abrir mão da utilização do fármaco<sup>17</sup>.

Figura 9<sup>18</sup> - Bolsonaro chorando porque cloroquina não cura coração partido.



Compartilhado em: 07/11/2020.

Assim, vemos uma contestação frequente da capacidade, índole e conhecimento de Bolsonaro, por meio de diferentes operações que objetivam produzir efeitos de comicidade. Pela paródia, sátira, ironia, zombaria e por uma “jogabilidade” que permite o acionamento de múltiplos eventos e símbolos, os efeitos de sentido pretendidos estão relacionados a “desnudar o rei”, mostrando seu caráter ridículo e, por isso mesmo, mais vulnerável do que aparenta ser. Aquele que é identificado como opressor, autoritário e com poder de morte e, que, por isso, evoca o medo, também é digno de escárnio, riso, galhofa. “Rir é um ato de resistência” é uma frase que muitos humoristas adotam como lema. Nesse caso, ela se aplica ao riso para enfrentar os medos, com o outro que resiste junto. Rir, enfim, na cara de quem promove a morte.

#### 4. Considerações Finais

<sup>17</sup> Aqui, há ainda uma possível associação contextual à relação do presidente brasileiro com o estadunidense Donald Trump, marcada por descompassos e por uma flagrante veneração “não correspondida” por parte de Bolsonaro. Assim, o jogo de humor se daria pelo inusitado, a associação do remédio falsamente indicado para a Covid-19 à expectativa ilusória do presidente em sua relação com o governo da maior potência mundial.

<sup>18</sup> Nesta imagem, cabe destacar nossa opção por manter a hora e o indicador de encaminhamento do WhatsApp, a fim de ilustrar a circulação. Vale ressaltar também o fato de o original ser um *tweet*, ainda que o recorte não tenha captado a autoria. Isso indica tanto a circulação de conteúdos (e usuários) entre plataformas distintas, como a própria reconfiguração dos memes imagéticos, da qual os *tweets* são exemplos privilegiados.

---

A proposta deste artigo foi analisar memes imagéticos de crítica ao presidente Jair Bolsonaro que circularam em grupos de WhatsApp durante o ano de 2020. Para isso, primeiro conceituamos os memes e sua possível associação com a resistência; em seguida, nos debruçamos sobre nove imagens de contestação aos discursos do presidente sobre a pandemia, associando-as às interdiscursividades que acionam - tudo isso considerando o contexto comunicacional no qual eles emergem, a midiatização e sua circulação característica.

Deixamos como sugestão para estudos futuros uma análise dos memes envolvendo Bolsonaro que circularam em outras plataformas, a fim de perceber suas aproximações e afastamentos com os aqui analisados. Isso porque, segundo pesquisa divulgada n' *O Globo*, o presidente foi a figura política mais acionada em memes de internet durante o ano de 2020<sup>19</sup>; nenhum dos elencados pela matéria como mais populares, porém, evidenciou-se em nossa amostra: os famosos “e daí” e “gripezinha”, sugestivos do descaso de Bolsonaro com a pandemia e as vidas por ela ceifadas, e os “89 mil” misteriosamente depositados na conta da primeira-dama Michelle. Essa discrepância pode ser sugestiva da processualidade diferida e difusa (BRAGA, 2006) da circulação em grupos familiares de WhatsApp.

Também consideramos importante um olhar atento para os próprios memes bolsonaristas no WhatsApp. Isso porque, conforme discorre Chagas (2021), o grupo possui uma rede bastante estruturada de produção e disseminação de memes em defesa do presidente, representando-o das mais diversas formas - desde guerreiro a vítima de opositores e da mídia. É interessante perceber como essas construções apresentam dinâmicas bem próximas das aqui verificadas, conforme a nota da Figura 3, referente ao uso da animação *Meu Malvado Favorito*, permite inferir.

O exemplo ilustra as distintas possibilidades de associação simbólica proporcionadas por imagens muito semelhantes, característica da própria circulação midiatizada. Por sua vez, também assinala a necessidade de maior atenção ao “outro” nas relações de poder. Afinal, invertendo a máxima foucaultiana, nos lembramos de que onde há resistência, há poder; e entender as formas pelas quais ele se exerce, seja a

---

19

Disponível

em:

<https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/bolsonaro-foi-o-maior-alvo-de-memes-sobre-politica-na-internet-em-2020.html>. Acesso em: 04 ago. 2021.

---

partir de indivíduos comuns ou conteúdos considerados banais, é fundamental - especialmente para compreender as múltiplas processualidades da circulação.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRAGA, José Luiz. Mdiatização como processo interacional de referência. **Animus**, Santa Maria, v. 5, n. 2, p. 9-35, jul./dez. 2006.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In.: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JR., Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação & Mdiatização**. Salvador; Brasília: EDUFBA; Compós, 2012, p. 31-52.

CHAGAS, Viktor. Meu Malvado Favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 72, p. 169-196, jan./abr. 2021.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

FOUCAULT, Michel. O dispositivo de sexualidade. In.: FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 73-124.

KROTH, Maicon Elias; BORELLI, Viviane; DALMOLIN, Aline. Circulação de discursos sobre a pandemia do coronavírus em grupos de Whatsapp: primeiras inferências. IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mdiatização e Processos Sociais, São Leopoldo (RS), novembro de 2020 a janeiro de 2021. In.: **Anais...** São Leopoldo: PPGCC UNISINOS - Casa Leiria, 2021, p. 1-18.

MINOIS, George. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2009.

REGIANI, Herivelton; BORELLI, Viviane. Memes de internet na Ecologia da Mídia: entre metáforas e teorias. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 9, n. 2, p. 1-17, dez. 2015.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Massachusetts: MIT Press, 2014.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The Platform Society**: Public Values in a Connective World. Nova York: Oxford University Press 2018.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um Tecido**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.